

O Dia do Fim

Mário Beja Santos¹, beja.santos@dg.consumidor.pt

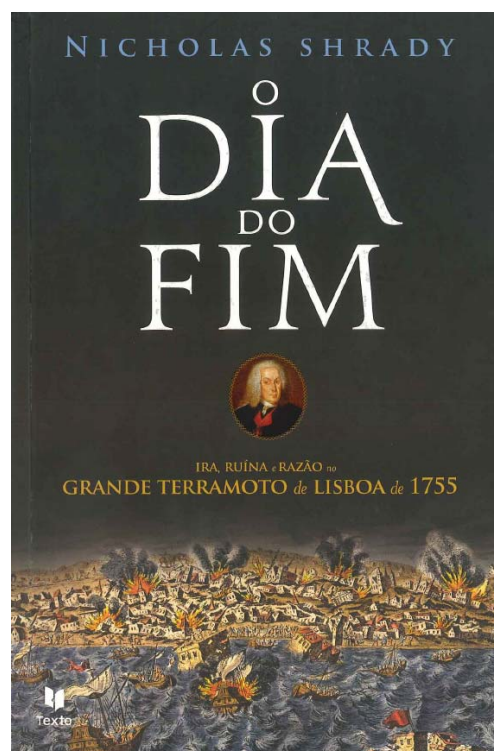
Para melhor se compreenderem as intenções do escritor Nicholas Shrady, um professor de literatura sedento de curiosidade por histórias de viagens e viajantes, aventuras de peregrinos e até de catástrofes naturais, é importante que se saiba que ele é responsável por um curso que ministra em Barcelona sobre literatura e escritura de viagens, centrado na análise das fontes, tanto primárias como secundárias de que se alimentaram escritores deste subgénero literário, caso de Bruce Chatwin ou Ryszard Kapucinski.

O Dia do Fim, Ira, Ruína e Razão no Grande Terramoto de Lisboa de 1755, por Nicholas Shrady (Texto Editores, 2014), é um esplêndido registo de um terramoto que ocorreu na capital de um país católico do continente europeu que abalou as certezas intelectuais e religiosas que na época dominavam a Europa do Iluminismo.

Os factos são sobejamente conhecidos: o primeiro abalo atingiu Lisboa às 9h40 do dia 1 de Novembro de 1755. Minutos depois, outro ainda mais forte arrasou a cidade, seguido por um terceiro. Lisboa foi destruída em menos de 15 minutos. De seguida, um tsunami arrastou milhares e um vento implacável espalhou os incêndios pela cidade naquilo que foi considerada a mais terrível catástrofe da História. Ao tempo, ainda não havia forma de aferir a intensidade de tremores, mas calcula-se que tenha alcançado aproximadamente 9 pontos na atual escala de Richter, estando entre os dez mais fortes conhecidos. Os investigadores estabelecem que terá provocado 30 mil mortos, numa cidade que teria então 250 mil habitantes.

Os muitos problemas filosóficos e religiosos suscitados pela catástrofe são apreciados por Nicholas Shrady. Tenha-se em conta que o terramoto de Lisboa foi o primeiro desastre internacional na era moderna. Na altura, as catástrofes que a Natureza impunha à Humanidade eram consideradas “castigo divino”, um Deus em fúria obrigava o homem a pagar pelos seus pecados e fraquezas. Após a catástrofe, o lugar de Deus nas relações humanas passou a ser questionado. Voltaire, Pope, Kant e Rousseau fizeram do acontecimento um veículo para expressar as suas ideias iluministas.

Perante o monumental alcance da destruição, o rei D. José, um quarentão que gostava mais de ópera e caça do que do trabalho obstinado de governar o seu reino, não escondia a perplexidade e o temor com aquilo que julgava ser a chegada do Apocalipse. Encolheu-se de



¹ Aposentado na categoria de Técnico Superior da Direcção-Geral do Consumidor, Professor do Ensino Superior, autor de livros e artigos nas áreas das políticas de consumidores e qualidade de vida.

medo, sentiu-se à deriva. É então que chega à sua presença o futuro Marquês de Pombal que revelou energia e decisão. Este ditador do absolutismo vinha mostrar que a razão triunfava sobre o obscurantismo religioso. Assim, enquanto muitos rezavam o Marquês de Pombal pôs-se em campo, agiu em conformidade: enviou tropas para apagar os fogos, mandou procurar os sobreviventes e tratá-los e foi drástico no controlo dos saques. E Lisboa seria reconstruída, e ressurgiria como uma cidade moderna, de ruas largas com sistemas de esgoto e escoamento adequados.

Estamos perante um autor de escrita elegante, que sabe cativar com as citações, teve acesso a documentos e relatos de sobreviventes estrangeiros que enriquecem consideravelmente a narrativa. O Marquês de Pombal é mostrado como resoluto, virulento, vingativo, fica-se com o sentimento que a reconstrução de Lisboa se transformou no desígnio que acompanhou o animal político, até ao fim:

«Se houve algo que irritou o ministro no seu crepúsculo, foi o andamento vagaroso da reconstrução de Lisboa. Todos os engenheiros principais envolvidos no projeto desde o arranque – Manuel da Maia, Eugénio dos Santos e Carlos Mardel – já haviam desaparecido. Uma nova geração de engenheiros militares tomara os seus lugares. A reconstrução era constantemente atrasada por proprietários em contencioso, pela escassez de materiais de construção e mão-de-obra qualificada e a penúria de fundos, mas mesmo lentamente a nova capital foi tomando forma. Em 1766, pouco mais de uma década após o terramoto, haviam-se erguido na Baixa cinquenta e nove novos edifícios residenciais bem como centenas de casas noutros bairros dispersos pela cidade (...) O muito esperado momento da inauguração da Baixa reconstruída chegou finalmente na primavera de 1775. Na verdade, a cerimónia foi ligeiramente prematura – vinte anos depois do terramoto, extensas zonas da Baixa estavam ainda em construção, mas a monumental estátua equestre de D. José I estava pronta e o Marquês de Pombal insistiu em usar a cerimónia de descerramento na nova Praça do Comércio como pretexto para uma celebração oficial. O ministro tinha agora 76 anos e corriam rumores de que sofria de lepra. A ideia de morrer antes da Baixa estar devidamente concluída provocava-lhe uma angústia compreensível (p. 200 e 201)».

Um olhar refrescado sobre um terramoto que afetou o pensamento filosófico e religioso. E que deu origem a manifestações extraordinárias de solidariedade como a de Jorge II da Grã-Bretanha. A Lisboa aniquilada levou a uma façanha de planeamento urbano e até mesmo ao nascimento da sismologia.